



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Veículo: CORREIO DE SERGIPE

Identificação: A5 GERAL

Data: 19/10/2012

Diretor clínico do HGJAF diz que situação é insustentável

Para ele, se centralização da ortopedia persistir mais médicos podem pedir demissão

A situação do Hospital Governador João Alves Filho (HGJAF) nunca esteve pior, é tanto que na última quarta-feira, 17, surgiu a notícia que 10 médicos ortopedistas concursados, iriam pedir demissão por causa da sobrecarga de trabalho, condições precárias para exercer as suas atividades e salários muito abaixo do necessário para atender a grande demanda daquela Unidade de Saúde.

A questão é que 60% dos atendimentos no HGJAF são feitos a vítimas de acidentes automobilísticos, e a maioria delas tem a necessidade de tratamento ortopédico. Nem todos os pedidos foram oficializados ainda, mas segundo o presidente do Sindicato dos Médicos do Estado de Sergipe (Sindimed) João Augusto Alves, quatro médicos ortopedistas garantiram a ele que irão deixar o hospital, e a tendência é que os pedidos de demissões não parem por aí.

Ontem, 18, durante um evento de comemoração do Dia do Médico que aconteceu na Sede do Sindicato, o diretor clínico do HGJAF, Marcos Kruger, concedeu uma entrevista ao Jornal Correio de Sergipe (CS) e fez um desabafo, dizendo que se o governo continuar centralizando os serviços de ortopedia no HGJAF, a tendência é que mais médicos ortopedistas realmente deixem de atender lá, bem como outros especialistas poderão tomar a mesma decisão, gerando um verdadeiro colapso.

“É preciso analisar a questão da Ortopedia do HGJAF dentro de uma perspectiva maior. Essas demissões e diminuição da carga horária não é algo que vem acontecendo há uma semana, é um processo que vem ocorrendo nos últimos anos. O médico que tem o vínculo de 36 horas, ele resolve dar a carga horária de somente 12 horas, e ganhar proporcionalmente a esse tempo. Isso vem acontecendo de rotina, não se trata de uma ação conjunta, orquestrada. É preciso que a população entenda que este governo que está aí, e que está conculindo o seu segundo ano de mandato, vem fechando sistematicamente os seus postos de ortopedia, como, por exemplo, a Clínica dos Acidentados, na qual eram realizadas 400 cirurgias por mês. Hoje, no prédio onde esta clínica funcionava é um hospital de endemias”, declarou o médico.

Ele revelou que a cada dia que passa mais uma opção de local para realiza-



“ORTOPEDIA DA UNIDADE DE SAÚDE DEVE SER ANALISADA DENTRO DE UMA PERSPECTIVA MAIOR”

ção de cirurgia ortopédica é suspensa pelo governo, sobrecarregando cada vez mais o HGJAF. “As cirurgias ortopédicas realizadas em Estância, Itabaiana e Nossa Senhora da Glória foram drasticamente reduzidas. Tivemos a desativação do Pronto Socorro do Hospital de Cirurgia, e agora, recentemente, tivemos a diminuição das cirurgias contratadas naquele hospital. Basta dizer que agora só serão realizadas ¼ das cirurgias bucomaxilofacial que eram realizadas antes, porque o convênio com a Prefeitura foi cortado. Do outro lado temos um aumento dos traumas. As fraturas estão chegando em maior quantidade e cada vez mais complexas. Ou seja, está havendo um aumento na demanda dos pacientes e os nossos postos de cirurgias ortopédicas continuam diminuindo. Conseqüentemente tudo está sendo centralizado no HGJAF, e ele não está aguentando mais, e o profissional de ortopedia sofre com essa situação”, afirmou.

• Condições precárias de trabalho

Kruger trouxe à tona também as condições nada dignas que os médicos ortopedistas do HGJAF são obrigados a trabalhar. “Junto com tudo isso, há uma condição de trabalho inadequada, onde não se tem um descanso digno, não se tem água potável para beber, onde os salários não são condizentes com a atividade, onde o ambiente de trabalho é sujo e com mau cheiro. Quando o profissional não tem condições dignas de trabalho, ele reduz a sua carga horária ou, se ficar cada vez mais insatisfeito com essa situação, ele acaba pedindo demissão. O Estado precisa fazer uma remodelação do sistema de saúde. Há hospitais no interior que ainda não estão funcionando. Há colegas ortopedistas

que estão inclusive de plantão em unidades do interior, mas que não podem trabalhar porque o centro cirúrgico não funciona. Os hospitais foram inaugurados, mas os postos de trabalho foram desativados. Hoje a fila de cirurgia ortopédica no HGJAF é muito grande, e mesmo com os mutirões, não se consegue dar conta de tal volume”, alegou o diretor clínico.

O médico chama a atenção da sociedade para que ela perceba que a culpa desta situação não é do profissional de ortopedia, mas sim da situação que a saúde se encontra no Estado. “É bom que a sociedade saiba que o HGJAF não vai conseguir resolver os seus problemas sozinho, então não adianta tentar achar que os ortopedistas de lá são os vilões da história, pois são pessoas de bem e que estão trabalhando para sustentar suas famílias. Infelizmente as condições que são dadas são muito precárias, a superlotação é diária. A sobrecarga, o desespero e a impotência de ver a coisa acontecer sem ter resolutividade faz com que o profissional desista”, revelou Kruger.

Hoje, até que as demissões sejam oficializadas, o hospital conta com 32 ortopedistas distribuídos em três vínculos: Estatutários concursados, celetistas, e contratados. O diretor clínico do HGJAF revelou ainda, que há médicos e enfermeiros contratados pela Fundação Hospitalar de Saúde (FHS), responsável por gerir o Hospital, que concluíram os contratos com a entidade e nunca receberam um tostão. “Existe hoje muito passivo trabalhista na FHS, existem muitos médicos e enfermeiros que foram contratados por determinados períodos e nunca receberam. Não há mais como confiar em uma gestão dessas. Tudo que está acontecendo é consequência dos atos desses gestores”, declarou ele.

• “Fábrica de aleijados”

Um dos dirigentes do Conselho Regional de Medicina de Sergipe (Cremese), Roberto Melara, que já havia denunciado várias vezes à imprensa e ao Ministério Público Estadual, há mais de dois anos, que o HGJAF havia se transformado em uma “Fábrica de Aleijados”, devido ao tempo de espera dos pacientes de mais de um ano para realizar uma cirurgia reparatória, e que tinha como consequência um resultado nada satisfatório para o paciente, expôs ontem que durante

tudo esse tempo, mesmo com intervenção do Ministério Público e de decisões judiciais nada mudou.

Ele expôs ainda que tudo que está acontecendo agora é o resultado de uma reação em cadeia que poderia ser evitada pelo governo do Estado desde o início. O médico falou do desperdício do dinheiro público dentro do HGJAF. “Isso é uma crônica anunciada. É algo que estamos denunciando há muito tempo, e isso continua acontecendo lá, tudo porque a gestão é ruim. Hoje um parafuso ou uma placa para curar uma fratura dentro do HGJAF custa 10 vezes mais caro do que se o paciente fosse operado em uma clínica particular. Há uma gestão deficiente do dinheiro público naquele hospital. Não falta dinheiro, há o descarte desse erário, que é jogado no lixo diariamente por quem administra”, salientou.

• FHS

De acordo com o diretor técnico do HGJAF, Augusto César Esmeraldo, seis profissionais já protocolaram o pedido de demissão. “A Secretaria Estadual de Saúde, através da Fundação Hospitalar de Saúde, encontra-se em processo de discussão sobre a Ortopedia do Estado de Sergipe para que possamos avançar na qualidade do atendimento ao usuário, bem como nas condições de trabalho dos profissionais. Neste momento, entendo como precipitada a decisão destes profissionais em solicitar a demissão, uma vez que estamos fazendo uma discussão ampliada e avançando para resolver o problema da ortopedia de forma permanente e não mais acumulando pacientes em filas de espera”, explica João dos Santos Lima Junior, diretor geral da Fundação Hospitalar de Saúde. O mutirão também será mantido. “Desde 21 de setembro, já são mais de 120 pacientes operados e nas próximas semanas vamos tentar reduzir a fila ainda mais”, afirma o diretor técnico do Hospital, Augusto César Esmeraldo.

Ainda segundo a FHS, a fila de espera por cirurgias ortopédicas foi um dos grandes desafios encontrados na Saúde. Para reduzir essa fila, outras unidades hospitalares tiveram escalas completas, realizando também esse tipo de cirurgia, a exemplo de Hospital Regional de Lagarto, que já realizou mais de 70 procedimentos, evitando, assim, que todos os pacientes fossem encaminhados ao HGJAF, como era feito anteriormente.